

Jardim En-Cantado: materiais didáticos para alunos com transtorno do espectro autista

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: EDUCAÇÃO MUSICAL

Luciano da Silva Candemil
UNIVALI/UEDESC - lucianocandemil@hotmail.com

Josiane Vitôr da Silva
UNIVALI – josianevitor@bol.com.br

Cristiane Muller
UNIVALI – crisspassarim@hotmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência sobre o desenvolvimento de materiais didáticos para alunos com TEA - Transtorno do Espectro Autista - durante a realização de um estágio supervisionado numa das escolas da APAE. A pesquisa-ação, de cunho qualitativo, teve como objetivo a ampliação do repertório musical, e foi dividida em três etapas: visita técnica, aula diagnóstica e intervenções. O trabalho foi alicerçado em bibliografias específicas, como Louro (2014), Benenzon (1987) e Morais (2012), além de dados coletados nos prontuários dos alunos.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista. Educação musical. Materiais didáticos.

Enchanted Garden: teaching materials to students with autism spectrum disorder

Abstract: This article presents an experience report on the development of teaching materials for students with Autism Spectrum Disorder, during the course of a supervised internship in one of the schools of APAE. Action research, of qualitative nature, aimed at expanding the repertoire, and was divided into three phases: technical visit, diagnostic class and interventions. The work was rooted in specific bibliographies, as Louro (2014), Benenzon (1987) and Morais (2012), as well as data collected from medical records of students.

Keywords: Autism Spectrum Disorder. Musical Education. Teaching Materials.

1. Introdução

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência sobre as atividades desenvolvidas na disciplina ‘Estágio Supervisionado: Pesquisa da Prática Pedagógica’ do 6º período do Curso de Licenciatura em Música da UNIVALI. Este estágio foi realizado por um trio de acadêmicos¹ durante o segundo semestre de 2015 na Escola Tempo Feliz no município de Balneário Camboriú/SC e, contou com a supervisão de uma professora orientadora².

Mediante uma abordagem de caráter qualitativo, essa pesquisa-ação foi realizada com uma turma de alunos com TEA - transtorno do espectro autista - tendo suas atividades divididas em etapas: 01 visita técnica, 01 aula diagnóstica e 09 intervenções pedagógicas. Essa metodologia foi empregada com o intuito de compreender a realidade do espaço educacional e de seus alunos, para posteriormente interpretar os dados coletados, fornecendo assim, subsídios teóricos e práticos para a elaboração e realização das atividades musicais.

Para a realização da coleta de dados, as seguintes estratégias foram utilizadas: pesquisa bibliográfica constante, observação participante, realização de vídeos e fotos das intervenções, além de anotações. Em virtude do tipo de deficiência encontrada e do curto espaço de tempo, consultas nos prontuários dos alunos também foram feitas com o intuito de compreender melhor suas realidades. Esse conjunto de informações forneceu material para a elaboração do projeto e de todos os relatórios semanais, bem como para refletir e reestruturar as ações previstas nos planos de aula.

A escolha do tema desse estágio foi pensada para verificar a possibilidade de elaborar materiais didáticos visando ampliar o repertório musical dos alunos autistas, como também, desenvolver a percepção musical e autonomia. Para tanto, estratégias individualizadas foram utilizadas. Assim, levando em consideração que os alunos com TEA são muito visuais e embasados no método TEACCH, o Jardim En-Cantado foi idealizado sendo composto por estações musicais decoradas com informações musicais, telas ilustrativas, flores e árvores feitas de isopor, tudo para criar um ambiente que estimulasse a aprendizagem.

2. Conhecendo a escola e os alunos

A Escola Especial Tempo Feliz, administrada pela APAE, foi a unidade escolar escolhida para as atividades desse estágio. A respeito do seu ambiente sociocultural, esta escola atende aproximadamente 150 alunos de todas as idades, divididos entre aqueles que frequentam a área pedagógica com os que realizam atendimento especializado.

Durante a visita técnica percebemos que a equipe profissional tem a preocupação de integrar todos os alunos com o ambiente educacional, não somente durante a realização das aulas que são chamadas de oficinas, mas também nas demais atividades cotidianas. As turmas são separadas por necessidades e os alunos participam de todas as atividades organizadas por rodízio, com exceção dos alunos autistas que permanecem na mesma sala.

Num diálogo com as coordenadoras educacionais da APAE foi demonstrado haver uma preocupação com os alunos autistas, que devido às suas limitações de aprendizagem acabam não participando de alguns programas e oficinas realizadas na instituição. Diante dessa demanda, a turma matutina de autistas, TEACCH 1, foi selecionada para esse estágio. Esta turma estava sendo frequentada por três alunos com idades entre 23 e 50 anos, sendo dois alunos, identificados como J.C e W.B; e uma aluna, M.G.

Por se tratar de uma turma com características específicas, a aula diagnóstica não foi realizada por meio de contato pessoal. A consulta aos prontuários dos alunos foi adotada como uma estratégia alternativa, sendo realizada coleta de dados em laudos psicológicos,

pedagógicos e médicos elaborados entre os anos de 2011 e 2014. Apresentamos um breve resumo da análise da aula diagnóstica: M.G, 23 anos, compreende o que é solicitado, expressa sentimentos e cria vínculos, mantém atenção em curto espaço de tempo, gosta de música, compreende o que é solicitado, não oraliza, responde com gestos e expressões corporais, possui muitas estereotípias; J.C, 36 anos, tem resistência em participar das atividades propostas, expressa sentimentos, cria vínculos, limita-se a última palavra da frase que foi dita, interage com pessoas de fala calma e com voz serena que diminui sua ansiedade e facilita compreender qual o comportamento esperado; W.G, 50 anos, tem transtorno de linguagem, comunica-se pela fala com algumas estereotípias e repertório de seu interesse, apresenta boa compreensão, tem noção de tempo e espaço, porém tem falta de concentração nas atividades propostas e dificuldades nas habilidades escolares.

De posse das avaliações individuais dos alunos com TEA, os estagiários elaboraram uma avaliação global da turma destacando algumas questões em comum, como por exemplo: tipo de repertório, trabalho individualizado, resistência a atividades em grupo, gosto por jogos individuais, por caminhadas e pela música em geral, falta de oralização, uso de respostas não verbais, auto-contato corporal e o modo correto de lidar com eles.

Esse conjunto de informações contribuiu para compreender as habilidades e limitações de cada aluno, fomentando a realização de um *brainstorm* que ajudou na definição da temática e das estratégias que foram adotadas. Além disso, a junção da pesquisa bibliográfica com o resultado dos diagnósticos permitiu evidenciar aspectos importantes do processo de aprendizagem dos alunos e como os mesmos percebiam o mundo ao seu redor.

3. Conhecendo a patologia

A respeito da patologia do TEA, a Associação Americana de Autismo³ considera que “o autismo é uma inadequacidade no desenvolvimento que se manifesta de maneira grave durante toda a vida. O autista é incapacitante, e os sintomas aparecem tipicamente nos três primeiros anos de vida” (GAUDERER, 1997: 3). Essa associação informa também que “acontecem cerca de 20 casos entre 10 mil nascidos e é quatro vezes mais comum entre meninos do que em meninas. É uma patologia encontrada em todo o mundo, e em famílias de toda configuração social, racial e étnica” (ASA apud GAUDERER, 1997: 3).

Segundo Benenzon, que trabalha com crianças autistas há mais de 15 anos, elas nascem e vivem em um mundo particular. As pessoas que a rodeiam não despertam interesse, e por conta disso passam a maior parte do tempo se entretendo com objetos (BENENZON, 1987: 30). Sobre a etimologia da palavra autismo, o autor aponta:

Autismo vem do grego *autós*, que quer dizer por si mesmo, próprio. É um termo usado em psiquiatria para fazer referência a comportamentos do ser humano centralizado no próprio indivíduo. Foi Bleuler quem introduziu o termo ‘autismo’ para designar a perda de contato com a realidade, acarretando como consequência uma impossibilidade ou uma grande dificuldade de comunicação com os demais (BENZON, 1987: 37).

A educadora musical Viviane Louro informa que atualmente o termo técnico mais utilizado é o T.E.A. - Transtorno do Espectro Autista – definição cunhada pela Dra. Lorna Wing que “resumiu as características desse quadro diagnóstico no comprometimento de três áreas específicas: imaginação, socialização e comunicação” (WING apud LOURO, 2014: 139). Segundo Louro, “foi Wing que deu os primeiros passos para o estabelecimento do conceito de um espectro autista, e que sua teoria ficou conhecida como ‘Tríade de Wing’, alegando que independente do grau do autismo, todos terão comprometimentos nas áreas citadas acima (LOURO, 2014: 139).

Diante do perfil diferenciado de alunos com quem iríamos trabalhar, apesar de ser uma turma bem pequena, encontraríamos comportamentos e dificuldades de aprendizagem diferenciadas. Por conta disso, foi necessário pesquisar algumas características mais comuns:

Como nada sabemos dela, pois não fala, apenas emite sons estranhos, não nos encara, olha para longe, não tem pontos fixos para o mundo externo, parece olhar sempre para dentro de seu mundo, não responde a seu nome nem a qualquer chamamento, parece ouvir apenas seu mundo interior, não se pode tocar nela porque rejeita o contato corporal, repito como nada sabemos dela, somente podemos especular sobre ela e, quando especulamos, muitas vezes projetamos nossas próprias situações no outro (BENZON, 1987: 30).

Conforme aponta o *site* Universo Autista (2007), o aluno autista “necessita de muita previsibilidade porque não consegue interpretar com adequação noções temporais. A compreensão da passagem do tempo e do raciocínio sequencial dos fatos e eventos parece estar muito prejudicada no autista” (UNIVERSO AUTISTA, 2007). Além disso, esses alunos possuem uma relação diferenciada com o tempo, que é um tempo não verbal, muito diferente com o tempo do homem civilizado. Sobre essa problemática, Benenson traz que:

A criança autista possui outro tempo, diferente. O homem cotidiano está acostumado a uma resposta imediata, arco-reflexo à mais primitiva das expressões. O grande civilizado perdeu a capacidade de esperar, de postergar, de elaborar. Toca um botão e algo acontece imediatamente (BENZON, 1987: 31).

Por conta das dificuldades de compreender a passagem do tempo e o raciocínio sequencial dos fatos, os autistas precisam de muita estruturação para entender o que vão fazer, quando e onde. Além disso, esses alunos com TEA aprendem muito melhor vendo do que

ouvindo, ou seja, o sentido da visão é um dos sentidos que mais favorece o contato com o mundo exterior. Sobre a necessidade do sentido da visão, temos que:

Também foi detectada a necessidade que os autistas têm em compreender os espaços, não elaboram com espontaneidade o que vão fazer, quando, e onde. Estas dificuldades somadas à observação de que os autistas são extremamente visuais, ou seja, vêem os elementos de seus pensamentos como imagens concretas e visuais. Em outras palavras, o que pode ser visto e gravado como imagem concreta a nível de cérebro tem função para os autistas; o que necessita de elaboração, introspecção ou interpretação social é extremamente difícil para eles (UNIVERSO AUTISTA, 2007).

Ou seja, os autistas possuem dificuldades de interpretação, e seu processo de pensamento é alicerçado por imagens concretas. Por conta disso, não conseguem entender metáforas, nem situações temporais não sequenciais, como por exemplo, quando é solicitado para tocar a última tecla de um xilofone. Tudo tem que ser explicado passo a passo e deve ser respeitado o espaço temporal deles.

4. Conhecendo o Programa TEACCH⁴

Na Escola Tempo Feliz as professoras empregam o TEACCH, um método de ensino com concepção educacional, clínico e psicopedagógica, que significa “Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Perturbações da Comunicação” (MORAIS, 2012: ix). Esse material surgiu nos Estados Unidos em 1966 após um trabalho intenso de cerca de 10 anos de pesquisas e observações realizadas pela equipe do Dr. Eric Schopler, que constatou que os autistas possuem dificuldades básicas no seu desenvolvimento.

Observamos durante a visita técnica do estágio que o método TEACCH sugere a utilização de cartelas com imagens ilustrativas para dar conta do dia-a-dia dos alunos com TEA, estabelecendo uma rotina que auxilia no desenvolvimento das atividades diárias, conforme aponta Assumpção:

Tem como objetivo apoiar o portador de autismo a chegar à idade adulta com o máximo de autonomia possível. Ajudando-o a adquirir habilidades de comunicação para que possam se relacionar com outras pessoas e, dentro do possível dar condições de escolha para a criança (ASSUMPÇÃO apud MOREIRA, 2005: 3).

O TEACCH tem como objetivo observar profundamente o comportamento dos alunos autistas em diversas situações, motivadas por diferentes estímulos, partindo do princípio que o desenvolvimento de cartelas facilita o processo diário de aprendizagem. Assim, o desenvolvimento desse estágio foi beneficiado desse conceito ao utilizar imagens

que dessem conta de transmitir a musicalidade nelas contidas. Sobre o uso de cartelas Leon e Lewis explicam:

Os pontos de apoio do TEACCH seriam: uma estrutura física bem delimitada, com cada espaço para uma função; atividades com sequência e que as crianças saibam o que se exige delas, uso direto de apoio visual, como cartões, murais. Conforme for reavaliando-se cada criança consegue-se ir mudando suas rotinas para que ela vá se desenvolvendo (LEON e LEWIS apud MOREIRA, 2010: 3).

Portanto, a partir desse método cartelas com diversas imagens foram desenvolvidas, tais como: balão, casa, bicicleta, violão, cadeira, pessoas, bola, carro e outras. A maior parte dessas figuras fez parte das atividades pedagógicas e foram escolhidas tendo como base as informações extraídas dos prontuários durante a coleta de dados.

5. O Jardim En-Cantado, as intervenções e os materiais produzidos

Segundo alguns dicionários da língua portuguesa, os prefixos são morfemas colocados antes das palavras com o objetivo de alterar seus significados. No caso do prefixo “en”, este assume a função gramatical de expressar um movimento para dentro ou uma posição interior, como por exemplo, nas palavras engarrafado e encéfalo. Por conta disso, Jardim En-Cantado, o nome desse trabalho, foi grifado dessa forma para enfatizar o caminho que os estagiários fizeram para conhecer quem eram seus alunos e como cada um aprendia.

Dessa maneira, como fruto de uma reflexão a respeito dos procedimentos a serem adotados, questões diversas convergiram para um mesmo ambiente, conectando assim com o significado etimológico da palavra autismo, ou seja, que se move para o “eu” de cada aluno. Então, foi escolhida a elaboração de um jardim fictício, que foi montado semanalmente no ginásio da escola em virtude do pequeno tamanho da sala onde ficava a turma TEACCH 1.

O Jardim En-Cantado consistiu de um conjunto de pontos de apoio pedagógico, chamados de estações, elaborados conforme o gosto musical de cada aluno observado nos laudos técnicos, sendo compostos com equipamentos eletrônicos, repertórios específicos, cartelas musicais no padrão TEACCH e enfeites de árvores e plantas, construindo assim um ambiente pedagógico particular.

Como as intervenções foram feitas no ginásio durante nove semanas consecutivas o Jardim En-Cantado teve que ser montado interagindo com o espaço disponível, o que acontecia entre o início da manhã e o início das aulas de música. As atividades foram ministradas sempre às quartas-feiras entre 10h30min e 11h30min, ocupando parte do horário das aulas de informática. Para cada aluno era reservado um tempo de 20 minutos para

atendimento individualizado mediante revezamento entre os estagiários. Enquanto um atuava como docente os outros davam suporte técnico e faziam os registros fotográficos e de vídeo.

Foram elaboradas três estações nomeadas com as iniciais dos respectivos alunos, assim organizadas: a Estação M.G foi montada com desenhos de personagens da Turma da Mônica, a Estação J.C recebeu decoração com temática do esporte e a Estação W.B. teve imagens de Erasmo Carlos e Roberto Carlos, além de fotos de instrumentos musicais. Ao longo das intervenções diversos materiais foram produzidos com destaque para: cartelas musicais, relógio musical, gênios percussivo, xilofone com teclas coloridas e partitura analógica. Além desses foram utilizados videocliques, diversos tipos de música para dançar, instrumentos de percussão variados e um violão.

Na Estação W.B. foram muito utilizados os cantos de parlendas e cantigas previamente conhecidos pelo aluno, o xilofone com teclas coloridas e uma partitura analógica da música ‘Cai Cai Balão’ elaborada a partir de cartelas de cores correspondentes às cores das teclas do xilofone. O xilofone foi também usado para fazer atividades com a aluna M.G, que junto com um violão foram aplicados para trabalhar a percepção musical.

No que tange a M.G. relatamos que durante a execução das músicas a aluna parava para sentar numa cadeira para acompanhar com movimentos corporais laterais. A música mais utilizada era apenas uma sequência arpejada dos acordes de Dó maior e Ré menor. Destacamos também o resultado das atividades realizadas com dança principalmente da ciranda e do CD de Lia de Itamaracá e, a execução espontânea de uma sequência de palmas dentro da pulsação métrica da música que a aluna estava ouvindo.

Em relação ao aluno J.C. alguns jogos e instrumentos deram bons resultados, como os materiais audiovisuais sobre esporte, principalmente sobre o Senna e, os jogos musicais Gênios Percussivo e Relógio Percussivo, ambos desenvolvidos durante o estágio. O jogo Gênios Percussivo foi inspirado a partir do brinquedo Gênios Musical e consistiu na utilização de quatro tambores de fanfarra contendo uma cor e uma forma geométrica diferente sobre a membrana. O Relógio Percussivo trata-se de um jogo com doze pontos dispostos num grande círculo, tendo em cada ponto um instrumento de percussão diferente. Destaca-se também a utilização da bola de vôlei que serviu positivamente como ponte para a manipulação dos instrumentos e, o uso de cartelas de cores que ajudou a facilitar o processo.

Ao final da última intervenção foi comunicado aos alunos sobre o encerramento das atividades. Na sequência o Jardim En-Cantado foi inteiramente desmontado, sendo entregue todos os materiais para as professoras da turma trabalhada.

6. Considerações Finais

Refletindo sobre essa pesquisa-ação realizada com alunos com TEA, foi possível perceber resultados significativos como fruto das estratégias adotadas que promoveram a execução de atividades pedagógicas elaboradas e aperfeiçoadas durante a trajetória do estágio.

Observamos que a aluna M.G respondeu satisfatoriamente ao apresentar uma melhora na ansiedade e nas reações estereotipadas, diminuindo consideravelmente os movimentos com os dedos das mãos e, mostrando-se mais calma e satisfeita com as atividades de dança e de apreciação musical. J.C demonstrou satisfação em participar das atividades e em alguns momentos se relacionou de forma afetiva com os estagiários. Apesar de pouca oralização, esse aluno demonstrou compreender o que era solicitado sem sinais de ansiedade ou relutância. Durante o processo de aprendizagem W.B conseguiu emitir respostas verbais e não verbais com precisão, evidenciou uma memória relativamente ativa e temporal, como também, cantou, tocou e socializou com todos os estagiários.

Finalizando, a elaboração desse estágio intitulado de Jardim En-Cantado se constituiu numa caminhada pedagógica que forneceu uma gama de novos conhecimentos que serão utilizados e transformados para orientar de forma positiva futuros trabalhos dos estagiários em outros campos musicais, bem como, espera-se que as sementes plantadas nesse trabalho possam contribuir de forma significativa para gerar frutos em outros quintais.

Referências

- BENENZON, Rolando O. *O Autismo, a família, a instituição e a musicoterapia*. Ed. Enelivro. 1987.
- GAUDERER, E. Christian. *Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: guia prático para pais e profissionais*. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.
- LOURO, Viviane dos Santos. *Ações pedagógicas para inclusão de aluno com transtorno do espectro autista numa escola de música de São Paulo: Relato de caso*. Vol. 10 n. 2– ISSN 1984-3178. 2014.
- MORAIS, Telma Liliana de Campos. *Modelo TEACCH – Intervenção Pedagógica em Crianças com Perturbações do Espectro do Autismo*. Escola Superior de Educação Almeida Garrett. (Dissertação de Mestrado em Educação Especial). Lisboa 2012.
- MOREIRA, Patrícia S. T. *Autismo: a difícil arte de educar*. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0250.pdf>. Acesso em: 20 Set. 2015.
- UNIVERSO AUTISTA. *Autismo e a Terapia Ocupacional*. In: Universo Autista. 2007. Disponível em: <http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/articles/article.php>. Acesso em 10 ago. 2015.

¹ Acadêmicos: Josiane Victôr da Silva, Luciano da Silva Candemil e Sabrina Assi.

² Prof.^a Me. Cristiane Muller.

³ ASA – Autism Society of American.

⁴ Treatment and Education of Autistic and related Communication Handicapped Children.